

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**  
**ELIANE ALVES REINALDO**

**AS INTERFACES ENTRE AS PRÁTICAS CULTURAIS NÃO FORMAIS E AS  
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS FORMAIS NO CENTRO SOCIAL MARISTA EM  
TERESINA-PI: UMA ANÁLISE A PARTIR DA PERSPECTIVA INTERCULTURAL.**

TERESINA – PI

2010

ELIANE ALVES REINALDO

**AS INTERFACES ENTRE AS PRÁTICAS CULTURAIS NÃO FORMAIS E AS  
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS FORMAIS NO CENTRO SOCIAL MARISTA EM  
TERESINA-PI: UMA ANÁLISE A PARTIR DA PERSPECTIVA INTERCULTURAL.**

Monografia Final apresentada como requisito à obtenção do título de graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Estadual do Piauí e condição necessária à aprovação na disciplina Prática e Pesquisa V. Orientador: Prof. MSc. Robson Carlos da Silva.

TERESINA – PI

2010

AS INTERFACES ENTRE AS PRÁTICAS CULTURAIS NÃO FORMAIS E AS  
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS FORMAIS NO CENTRO SOCIAL MARISTA EM  
TERESINA-PI: UMA ANÁLISE A PARTIR DA PERSPECTIVA INTERCULTURAL.

ELIANE ALVES REINALDO

Trabalho monográfico apresentado à  
Universidade Estadual do Piauí como requisito  
para obtenção de graduada em Licenciatura  
Plena em Pedagogia, tendo sido aprovada pela  
banca examinadora, conforme se segue:

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. MSc. Robson Carlos da Silva  
Orientador

---

Profª. MSc. Dalva Stella Ferreira Dantas

---

Profª Dr. Lucineide Barros Medeiros

A minha mãe, Maria de Jesus Alves Reinaldo pela coragem que sempre demonstrou em sua vida, e a força que a ajuda vencer cada dia as vicissitudes que acometem;

Ao meu pai João Reinaldo Neto pela sua dedicação, paciência e sabedoria que fortalece a família;

Aos meus irmãos Erivan Alves Reinaldo e Erivelton Alves Reinaldo, que servem de estímulo e apoio em todas as circunstâncias;

A minha irmã Eunice Alves Reinaldo por sua paciência e presença constante, amiga, companheira de todos os momentos.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pai amigo e fonte de alento, inspiração e proteção;

Ao Prof. MSc. Robson Carlos, que sempre me incentivou e apoiou na produção deste trabalho;

A minha família pela atenção e apoio;

Em especial, a minha irmã Eunice pelo incentivo, amizade, dedicação e companheirismo;

Enfim, a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para realização desta pesquisa seja, apoiando-me, incentivando-me, orientando-me e fornecendo apoio material e, sobretudo, espiritual para o bom êxito desta caminhada. Muito obrigada, por tudo!

Os educadores precisam compreender que ajudar as pessoas a se tornarem pessoas é muito mais importante do que ajudá-las a tornarem-se matemáticos, políglotas ou coisa que o valha.

Carl Rogers

Não há saber mais ou saber menos. Há saberes diferentes.

Paulo Freire

## RESUMO

O objetivo deste trabalho foi investigar as relações estabelecidas entre os conteúdos pedagógicos da escola e os conteúdos culturais trabalhados na capoeira, no sentido de se identificar as reais contribuições dessa prática na formação integral dos (as) alunos (as) na escola. Destacamos a capoeira, a partir do conceito de Intreculturalidade, como uma prática educativa e cultural não-formal que pode contribuir de forma significativa na formação integral de alunos, desenvolvendo o físico, o caráter, a personalidade e influenciando nas mudanças de comportamento, além de proporcionar o autoconhecimento e a capacidade de análise crítica das suas potencialidades e limites. Para tanto, utilizou-se o registro qualitativo etnográfico, caracterizado por nossa inserção no campo de pesquisa, percebendo e atuando como integrante da instituição e do grupo pesquisado. Para embasar a pesquisa, utilizamos como principal suporte teórico Cendales e Mariño (2006), Andrade (2009), Freire (2005), Santos (1987), Freitas (1997), Campos (2001), Soares (2002), Carneiro (1997), Câmara Cascudo (1967), Cortês (2000), Ferreira (1978), Campos (1990), Vieira (1998), Soares (1994), Mary Karasch (2000), Silva (2010), Silva (2002), Costa (2001), Gonzalez Rey (2005). Os resultados obtidos revelaram que o encontro entre educação formal e educação não formal, vem de certa forma contribuir no processo de aprendizagem dos alunos, e que os códigos de valores presentes nos processos educativos envolvendo a cultura popular se diferenciam substancialmente daqueles privilegiados num processo formal de educação, mas são de fundamental importância para garantir a sobrevivência desses sujeitos numa realidade e num contexto ainda muito distante da escola formal.

**Palavras chave:** Educação Não-Formal. Capoeira. Interculturalidade. Identidade.

## ABSTRACT

The aim of this study was to investigate the relations between the educational content of school and worked on the cultural content in capoeira, in order to identify the real contributions of this practice in the education of (the) students (as) in school. We stress the poultry from the concept of Intreculturalidade as a cultural and educational practice non-formal which can contribute significantly in the integral formation of students, developing the physical, character, personality and influencing changes in behavior, and provide self-knowledge and capacity for critical analysis of its potential and limits. For this, we used the qualitative ethnographic record, characterized by our insertion into the search field, noticing and acting as a member of the institution and research group. To support this research, we used as the main theoretical support Cendales e Mariño (2006), Andrade (2009), Freire (2005), Santos (1987), Freitas (1997), Campos (2001), Soares (2002), Carneiro (1997), Câmara Cascudo (1967), Cortês (2000), Ferreira (1978), Campos (1990), Vieira (1998), Soares (1994), Mary Karasch (2000), Silva (2010), Silva (2002), Costa (2001), Gonzalez Rey (2005). The results revealed that the encounter between formal and non formal education, goes some way to contribute to the process of learning, and that codes of values present in the educational processes involving popular culture differ materially from those privileged in a formal education, but are of fundamental importance for the survival of these individuals in reality and in a context still far from the formal school.

Keywords: Non-Formal Education. Capoeira. Interculturalism. Identity.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>09</b>
<b>CAPÍTULO I .....</b>	<b>12</b>
1.1 Educação formal e não-formal: relações entre as práticas culturais populares e as práticas pedagógicas escolares.....	12
1.2 A Capoeira enquanto práxis educativa, cultura popular e a transmissão de saberes: uma conversa introdutória .....	16
1.2.1 A Capoeira como instrumento de resistência contra a opressão: um pouco de história	17
1.2.2 A Prática da capoeira como fenômeno sócio-urbano: desordens, perseguições e alianças com as camadas dirigentes. ....	19
1.2.3 A Valorização da Capoeira: em busca da superação dos preconceitos e da identificação de seu valor educativo .....	20
1.2.4 A Capoeira nos espaços educacionais formais: a construção de possibilidades .....	22
1.2.5 Ampliando os espaços para reflexão .....	23
<b>CAPÍTULO II.....</b>	<b>26</b>
2.1 O Caminho metodológico da pesquisa .....	26
2.2 O Centro Social Marista: descrevendo o universo e conhecendo os sujeitos envolvidos .	26
2.3 Os Sujeitos da Pesquisa .....	28
2.4 Instrumentos de coleta de dados. ....	29
<b>CAPÍTULO III .....</b>	<b>30</b>
3.1 Análises da pesquisa.....	30
3.2 Do pé do berimbau à sala de aula: histórias, músicas, movimentos e nova compreensão da realidade. ....	30
3.3 Informações sobre o professor de capoeira .....	33
3.4 Análise das falas. ....	35
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS. ....</b>	<b>37</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>40</b>

## INTRODUÇÃO

A capoeira como manifestação cultural brasileira e movimento social que envolve pessoas de classes e grupos sociais diversos é capaz de agregar valores educativos significativos, possibilitando um olhar diferenciado sobre a diversidade cultural de nosso povo, que ao longo de sua história vem, por meio de lutas de resistências, buscando encontrar sua verdadeira identidade.

A partir desses entendimentos iniciais o trabalho procurou investigar as formas com as quais a cultura popular articula um vasto campo do conhecimento e saberes necessários à prática educativa, tomando a capoeira como objeto.

Dessa forma, nos chamou atenção o espaço que a capoeira vem conquistando nos espaços escolares desde a década de setenta, atualmente como prática presente e consolidada em diversas instituições de ensino de nossa sociedade.

A escola deve ser entendida não somente enquanto espaço educativo; deve, acima de tudo, assumir seu papel social enquanto espaço apropriado para o desenvolvimento de ações que visem a concretização de formas de adequação entre a prática educativa ofertada e a realidade sócio-cultural dos alunos.

Voltando nossa compreensão para esse aspecto e com o intuito de investigar e aprofundar conhecimentos e resultados encontrados previamente através de outras pesquisas envolvendo a capoeira, nasceu a curiosidade de investigar as interfaces das práticas culturais não formais e as práticas pedagógicas formais em espaços institucionais oficiais.

Detemo-nos sobre algumas questões pedagógicas que envolvem a prática da capoeira, entendendo essas enquanto um processo educativo que contribui para uma aprendizagem significativa de alunos e alunas em espaços institucionais de educação.

Buscamos, ainda, analisar as interfaces entre essas práticas culturais e as práticas pedagógicas formais nos espaços escolares, procurando entender como acontece essa relação, os sujeitos envolvidos e a forma de desenvolvimento desse processo.

O trabalho efetivou uma investigação das relações estabelecidas entre os conteúdos pedagógicos da escola e os conteúdos culturais trabalhados na capoeira, no sentido de se

identificar as reais contribuições da capoeira na formação crítica aliada a uma postura consciente desses (as) alunos (as) diante dos conhecimentos que adquirem, se apropriando desses conhecimentos e informações de forma mais autônoma.

Nosso interesse surgiu por meio da participação em projetos de Iniciação Científica enquanto aluna da UESPI; em primeiro lugar participando como colaboradora em um projeto que versava sobre capoeira e gênero, abordando, a inserção participação, atuação e permanência das mulheres em grupos de capoeira de Teresina-Pi. Em seguida continuamos estudando e participando de eventos relativos à capoeira, o que nos levou a participar como pesquisadora bolsista de uma nova pesquisa sobre a temática da capoeira, desta vez investigando a capoeira enquanto instrumento pedagógico em escolas públicas de Teresina-Pi.

A partir de então percebemos a relevância de se trabalhar com essa temática, tendo em vista o seu valor educativo e cultural, possibilitando uma visão crítica da realidade daqueles que estão inseridos em realidades em que prevalece a discriminação e a desigualdade, em que se encontram pessoas pertencentes às camadas menos favorecidas econômica, cultural e politicamente, tais ainda, como podemos destacar, o povo negro, as mulheres, os povos indígenas, os jovens, os portadores de necessidades especiais, os pobres, dentre muitos outros.

Nosso objetivo central foi identificar as reais contribuições dessa prática, partindo da análise das relações estabelecidas entre as práticas culturais não formais e as práticas pedagógicas formais, a partir de uma perspectiva intercultural.

O trabalho apresenta uma organização estruturada em três capítulos. No primeiro capítulo destacamos o conceito de educação não-formal e suas contribuições na formação de jovens e crianças com ênfase nas suas interfaces com a educação formal. Trabalhamos, ainda, com os processos culturais, principalmente os que envolvem a educação das classes populares, assim como, o histórico da capoeira, sua contribuição cultural, sua relevância e seu valor educativo.

No segundo capítulo descrevemos o percurso metodológico, a natureza e o tipo da pesquisa, o universo pesquisado, os sujeitos envolvidos, os instrumentos de coleta dos dados e a forma de tratamento dispensado aos dados.

No terceiro capítulo, desenvolvemos as análises dos dados da pesquisa colhidos pela aplicação de entrevistas com alunos e professor de capoeira. A partir daí interpretamos os

dados adquiridos, tendo como base o problema de pesquisa e o discurso dos sujeitos. Por fim, realizou-se o confronto dos dados com o referencial teórico que contempla este trabalho.

## CAPÍTULO I

### **1.1 Educação formal e não-formal: relações entre as práticas culturais populares e as práticas pedagógicas escolares.**

O objetivo desta pesquisa é compreender as dinâmicas das práticas educacionais não-formais, suas contribuições na formação de jovens e crianças nas escolas e suas interfaces com a educação formal. Para tanto, buscaremos primeiro entender o conceito relacionado à natureza de educação formal e educação não formal. A educação formal é aquela que acontece de forma sistemática dentro da escola, organizada de maneira sistematizada e planejada de acordo com objetivos, orientações curriculares e atendendo a um objeto próprio de cada disciplina. Já a educação não-formal é aquela que ocorre fora do âmbito escolar, à margem do sistema educativo institucional. Dessa forma, compreende-se que a educação não acontece somente dentro do espaço escolar, mas dentro de um contexto social amplo e complexo que envolve momentos e modalidades diferentes de educação. Para uma maior compreensão do objeto de nosso estudo, enfatizaremos o conceito de educação não-formal.

Para Cendales e Mariño, “o termo educação não-formal vem sendo utilizado para designar os processos de ensino e aprendizagem que se realizam à margem do sistema educativo formal”, (p.12). Compreende-se que a educação é um processo contínuo, e que por isso dentro ou fora da escola estamos aprendendo. Dessa forma, a educação não-formal tem um importante papel no processo formativo dos sujeitos inseridos na sociedade, pois é uma forma de educação que pode de certa maneira estabelecer um senso crítico nesses sujeitos.

A educação formal passa por um momento de transformação ainda lento, mas com alguns avanços. Diante desse cenário, é necessário estabelecer diferenças e saber realmente de qual lado estamos. Nesse sentido, Cendales e Mariño afirmam:

A educação é parte da engrenagem social. Portanto, fazer uma análise da educação exige uma análise da sociedade na qual se está inserido. Então, se a educação é função da sociedade, não se pode pensar numa mudança na sociedade, e tampouco em mudar a sociedade sem realizar mudanças na educação. (CENDALES; MARIÑO 2006, p.13)

A educação popular é uma concepção que objetiva uma educação fundamentada nos interesses dos meios populares, um meio de colaborar para a transformação social. Nesse sentido, a sociedade termina por buscar soluções paliativas e que objetivam uma suposta superação dos cenários de exclusão e discriminação, pois nesse cenário se encontra significativa parcela de pessoas e grupos em nossa realidade próxima. Nela podemos perceber o pobre, o negro, a mulher, o índio e outros. São grupos inseridos dentro de um contexto de exclusão, mas que possuem suas próprias identidades e culturas.

Dentro deste universo, devemos buscar soluções em práticas que possam contribuir para o processo de formação dos sujeitos envolvidos. Nesse sentido, trabalhar com a educação não-formal possibilita um envolvimento com as práticas culturais populares. Estas práticas vêm contribuir para a formação de saberes advindos de suas culturas, que dentro dos contextos formais de educação não são trabalhados. Como educadores temos o dever de contribuir para o resgate da identidade cultural das classes sociais populares. Dentro desse enfoque, devemos buscar meios de provocar uma mudança no sentido de oferecer subsídios para uma educação que forme cidadãos mais críticos e capazes de inserir-se na sociedade.

No processo de educação existem mesclas de relações de poder que ainda não possibilitam a formação de cidadãos críticos. Logo, a educação não-formal tem o papel importante de formar estes cidadãos com maior senso de criticidade. Para tanto, a educação deve está voltada para a promoção do diálogo entre as várias culturas existentes dentro do espaço escolar. Para isso, a educação deve acontecer tanto no espaço formal quanto no espaço não-formal, uma complementando a outra. Nesse contexto, Cendales e Mariño afirmam “a educação que se realiza dentro da escola e a que se realiza fora dela relacionam-se entre si”, (2006, p. 12).

Diante dessa questão, buscaremos nos ater aos processos culturais, principalmente os que envolvem a educação das massas populares, ou seja, dos que estão à margem da sociedade. Trabalharemos dentro da perspectiva intercultural, buscando entender as diferentes culturas existentes no nosso país. Dentro desse processo existe a questão da desigualdade cultural, que dificulta a afirmação das identidades. Sabemos que a nossa sociedade ainda é muito desigual, dificultando dessa forma o processo de inclusão principalmente para os grupos que se fazem diferentes. São grupos que, devido às questões sociais, são considerados diferentes, envolvendo sobremaneira a questão econômica, ou seja, são excluídas porque são pobres.

Para Candau, citada por Andrade, a educação intercultural define-se como:

Um enfoque que afeta a educação em todas as suas dimensões, favorecendo uma dinâmica de crítica e de autocrítica, valorizando a interação e a comunicação recíproca entre diferentes sujeitos e grupos sociais. A interculturalidade orienta processos que têm por base o reconhecimento do direito à diferença e a luta contra todas as formas de discriminação e desigualdade social. (CANDAU APUD ANDRADE, 2009, P.57)

Portanto, consideramos fundamental o processo de uma educação intercultural, que trabalhe com a diversidade cultural de um país, que é tão rico na sua cultura. Por que então não viabilizar esse processo nos projetos educativos, valorizando as diferentes identidades e grupos culturais existentes na nossa sociedade? A escola enquanto instituição deve estar comprometida com o ideal de igualdade e respeito às diversidades. Para Andrade:

A escola pode dar acesso a importantes instrumentos de redistribuição de poder nesta sociedade, tais como o conhecimento sistematizado sobre os direitos, o domínio sobre a língua nacional, o conhecimento sobre a própria história ou o controle sobre argumentos científicos. Por outro lado, como instrumento de sociabilidade, a escola poderia ajudar também a construir o prestígio social dos grupos socialmente marginalizados, valorizando as diferentes identidades, reconhecendo valores e riquezas em todos os grupos culturais, desconstruindo preconceitos, favorecendo a coexistência pacífica entre todos e reforçando uma convivência mais dialógica entre os diferentes. (ANDRADE, 2009, p. 29)

A escola é um significativo espaço para a homogeneização das diferentes culturas, mesmo que haja certa dificuldade, pois a escola ainda funciona de acordo com o modelo tradicional de educação escolar para trabalhar diversidade cultural em seus espaços. Ainda existe um abismo entre a escola e realidade social, ou seja, entre a cultura escolar e a cultura dos estudantes. É nesse sentido que Andrade (2009) afirma que a escola não pode mais se esquivar da problemática da diferença, pois assim ela continuará funcionando como um instrumento de exclusão quando deveria propagar a socialização, que é uma das suas mais importantes funções sociais.

A escola como espaço social de vivência e formação sistematizada do conhecimento deveria proporcionar os mais variados tipos de aprendizagens. Em nosso entendimento, a escola, quando se propõe a viabilizar uma proposta que vise articular a cultura escolar e a diversidade cultural dos alunos, deve buscar novas maneiras de se colocar o problema para a

as pessoas e novas formas de se relacionar esse conceito com outros elementos trabalhados em seu contexto.

Para isso, destacamos a importância do diálogo entre educador e educando no sentido de se proporcionar espaços para o fomento da educação crítica e significativa. Pois, para Paulo Freire (2009) o diálogo está relacionado a uma investigação que tem início antes mesmo do encontro entre educadores e educandos, quando há um questionamento sobre o conteúdo do que se vai dialogar.

O que pretendemos é de certa forma, demonstrar algumas relações existentes entre as práticas culturais populares e as práticas pedagógicas escolares. Tomamos algumas discussões teóricas próprias do contexto da interculturalidade, buscando deixar claro que a escola não pode mais negar a centralidade do debate a respeito da diferença cultural, pois nesse sentido funcionará mais como instrumento de exclusão do que de socialização.

O foco desse trabalho está em analisar como se dá a prática da capoeira como uma prática cultural não-formal, dentro da perspectiva intercultural. Hoje, se percebe que a capoeira vem adentrando os espaços escolares como uma prática não-formal que vem contribuindo no processo de aprendizagem dos alunos. Para tanto, esta pesquisa visa compreender as reais contribuições dessa prática para os sujeitos praticantes dessa arte. Levando em consideração que, em grande parte os praticantes desta arte são alunos de escola pública. Cabe destacar que os mesmos, dentro do contexto da educação brasileira se encontram excluídos e marginalizados da sociedade por pertencerem às camadas de baixa renda. E isso, dificulta de certa forma o acesso a informações e saberes que lhes proporcione uma visão mais crítica da realidade em que vivem.

Acreditamos que a escola formal não está preocupada em trabalhar a partir dessa visão, pois, de certa maneira exerce uma forma de poder da cultura dominante, enraizada nas práticas escolares, ainda tradicionais.

Dessa forma, é importante a busca pela compreensão, por meio dos diálogos entre as práticas de educação formal e não-formal, estratégias de se proporcionar uma consciência mais crítica aos jovens excluídos e marginalizados das realidades sociais próximas, trabalhando a partir de suas possibilidades e favorecendo a criação de espaços e tempos apropriados para se desenvolverem de acordo com suas necessidades, seus anseios e seus



interesses mais caros, notadamente no acesso a valores éticos essenciais para a convivência pacífica e positiva com as outras pessoas, de culturas e valores diversos.

Sobre a relação dialógica Freire afirma:

O diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de idéias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 2009, p. 91)

No contexto dessa discussão, destacamos a prática da capoeira, cultura educacional não-formal que cada vez mais e de forma significativa “invade” os espaços educacionais formais, cuja contribuição passaremos a discutir.

## **1.2 A Capoeira enquanto práxis educativa, cultura popular e a transmissão de saberes: uma conversa introdutória**

Acreditamos que a capoeira, enquanto prática pedagógica pode contribuir para o desenvolvimento do sentimento de aceitação das diferenças, levando seus praticantes a conhecer e respeitar valores, sentimentos, ideais e condições de vida diversas das suas, visto que possibilita o contato entre pessoas dos mais diferentes estratos culturais e sociais, homens e mulheres, das mais diferentes idades, pertencentes a culturas diferentes, das mais variadas condições sociais, econômicas, e de conhecimento, que se encontram e, de uma forma bem democrática, “jogam” capoeira no mesmo espaço, conversam entre si e trocam experiências, mesmo de forma espontânea e não intencional, sobre seus valores e ideais, sua cultura, seu modo de ser, dentre muitos outros aspectos.

Manifestação da cultura brasileira com características de jogo, luta e dança, praticada ao som de instrumentos musicais, acompanhada de palmas e cânticos, com aspectos característicos de um eficiente sistema de defesa pessoal, atividade sócio-cultural, que nasceu no meio de uma classe escravizada, profundamente oprimida e fortemente discriminada que, durante o seu desenvolvimento histórico, foi conquistando o status de disciplina pedagógica hoje presente nos currículos de escolas de ensino Fundamental e Médio e de significativa

parcela de universidades e faculdades brasileiras, ganhando o mundo através da conquista de adeptos, em muitos países afora, de cultura nacional e tradição de alto potencial de inclusão social e de fortalecimento identidades.

Possui inegável valor educativo, se constituindo em prática educacional e recurso de grande valia na construção e fortalecimento da identidade cultural, social e política, de alunos nas escolas, a partir da produção escrita disponível em obras acadêmicas, como por exemplo, Santos (1987), Freitas (1997), Campos (2001), Soares (2002).

O jogo da capoeira inicia-se ao pé do berimbau, onde os jogadores se cumprimentam e partem para um bailado todo especial, misto de luta e dança, combate e brincadeira, uma disputa, que envolve ginga, música, força, malícia, canto e poesia, uma espécie de “conversa”, um diálogo gestual e oral, que mantém viva toda uma tradição cultural, carregada de magia e de significados.

O nosso interesse pela capoeira teve início por meio de um projeto de iniciação científica (PIBIC/UESPI) proposto pelo professor Robson Carlos da Silva, que versava sobre Capoeira e Gênero, abordando a inserção, participação, atuação e permanência das mulheres em grupos de capoeira de Teresina-PI, em que participamos como colaboradora auxiliando a aluna Tamara da Costa Caland (bolsista), no período de 2008-2009. Depois seguimos estudando e aprofundando nossos conhecimentos sobre essa cultura brasileira, o que nos levou a fazer parte de outra pesquisa PIBIC/UESPI com a temática da capoeira, dessa vez investigando a capoeira enquanto instrumento pedagógico em escolas públicas de Teresina, oportunidade em que identificamos nove centros de educação institucionais somente na zona norte de Teresina em que a prática da capoeira se realiza de forma sistemática e atrelada, de alguma forma, ao currículo dessas instituições.

Desde então, tivemos a oportunidade de participar e socializar em aulas, cursos, encontros, realização de diversos eventos, intercâmbio com praticantes de todo o Brasil e do exterior, conhecendo a importância dessa cultura para o engrandecimento de nossa consciência identitária, assim como sua contribuição para a formação de hábitos e atitudes benéficas à saúde e ao bem estar geral da pessoa.

Neste sentido, vamos empreender um breve caminhar através da história da capoeira, numa tentativa de identificar aspectos que contribuam para demonstrar a relevância dessa cultura.

### **1.2.1 A Capoeira como instrumento de resistência contra a opressão: um pouco de história**

Devido a falta de registros históricos mais confiáveis, fruto do descaso para com os registros documentais que poderiam nos esclarecer marcos importantes sobre a história do povo negro no Brasil<sup>1</sup>, são muitas as controvérsias sobre as origens da capoeira. Seria a capoeira uma arte genuinamente brasileira ou teria vindo da África, com a chegada dos escravos no Brasil?

Carneiro (1997), afirma que a capoeira inicialmente era praticada entre os angolanos, não como meio de defesa, mas como dança religiosa, como um ritual tipicamente banto (povo angolano). Segundo Câmara Cascudo (1967), pesquisador do folclore brasileiro, os banto-congo-angolezes praticavam na África, danças litúrgicas ao som de instrumentos de percussão, transformados em luta aqui no Brasil.

Cortês (2000), afirma que a capoeira, um misto de dança, luta e jogo, foi introduzida no Brasil pelos escravos bantos de Angola, durante o período colonial, defendendo que a capoeira aqui chegou com os primeiros negros africanos, que diante do estado de escravidão e opressão trataram de usá-la como arma de defesa. Ferreira (1978) comenta que o notável pintor Caribé, em artigo publicado na revista Sul América, de dezembro de 1954, afirma que foi no bojo de pau dos veleiros do século XVI que chegaram à Bahia os primeiros capoeiristas.

Os defensores da capoeira como cultura genuinamente brasileira, acreditam que ela seja uma mistura de diversas culturas (lutas, rituais, danças) africanas no Brasil, explicando que jamais foram encontrados vestígios na África de uma luta parecida com a capoeira, vindo seu nome do mato ralo, denominado capoeira, em que os escravos ficavam após serem libertados ou fugidos (CAMPOS, 1990).

Reforçam esse pensamento partindo do pressuposto de que com a chegada dos primeiros escravos no Brasil, houve uma tentativa de desarticulação de qualquer forma de organização que pudesse se transformar em levante ou revolta dos escravos, motivo que levou os mercadores portugueses a efetuarem uma separação dos diversos povos africanos que aqui foram trazidos para o trabalho escravo, promovendo uma mistura cultural em que não fosse possível nenhuma comunicação lingüística entre os sujeitos. Porém, nesse momento, houve

---

<sup>1</sup> Rego (1968), afirma que um dos responsáveis direto por esta escassez de documentos escritos sobre a história do negro no Brasil, foi o conselheiro Rui Barbosa, ministro do Governo de Deodoro da Fonseca, que, por volta de 1890, sob a justificativa de “apagar um pouco da vergonha nacional”, mandou que fosse queimada toda a documentação existente referente à escravidão no país.

uma troca muito rica entre as diversas culturas, uma espécie de “troca” ou contato cultural que, motivado pela ânsia de libertação do povo negro no Brasil, leva ao surgimento de uma manifestação totalmente nova, com características próprias e uma combinação jamais imaginada de aspectos tão diversos como luta e dança. Nasce, assim, a capoeira, arte e cultura genuinamente brasileira.

O certo é que a capoeira surge como instrumento de defesa do negro africano, escravizado, que aproveitando os espaços e tempos livres tentava manter viva sua cultura e que mais tarde viria a influenciar significativamente na construção das características de nossa “brasilidade”<sup>2</sup>.

### **1.2.2 A Prática da capoeira como fenômeno sócio-urbano: desordens, perseguições e alianças com as camadas dirigentes**

Com o fim da escravidão, o que não significou a aceitação imediata da comunicação negra na vida social (VIEIRA, 1998), a capoeira passa por um momento obscuro e ressurgue no século XIX, transformando-se em um fenômeno social nos grandes centros da época: Rio de Janeiro, Salvador e Recife.

Neste cenário, a capoeira se constituía numa manifestação bastante comum nas ruas, trazendo medo e provocando transtorno aos cidadãos e moradores da cidade, notadamente através das Maltas de capoeira<sup>3</sup>, alcançando seu auge e época de verdadeiro domínio e pleno desenvolvimento (SOARES, 1994), com a formação dos partidos, ou Maltas, como por exemplo, *Conceição da Marinha, Moura, Lapa, Carpinteiros de São José, Glória*, dentre outras, chegando ao ponto de constituírem duas grandes nações, a dos *Guaiamus* e a dos *Nagoas*, que declaravam verdadeiras guerras entre si e oferecendo seus serviços aos mais importantes partidos políticos, ou correntes de pensamento político, que imperava na época, os conservadores e os liberais.

Os capoeiras “infestavam” as ruas das cidades e contribuía para a construção identitária do tipo malandro que imperava nas relações “marginais” das ruas e becos da vida

---

<sup>2</sup> Segundo Aurélio Buarque de Holanda, no *Novo Aurélio Século XXI - o dicionário da língua portuguesa*, 4ª impressão, editora Nova Fronteira, 1999, “brasilidade”, diz respeito ao sentimento de amor ao Brasil, ao caráter distintivo do brasileiro e/ou do Brasil.

<sup>3</sup> Segundo Soares (1994), a malta de capoeira era a unidade fundamental da atuação dos capoeiras, formada por três ou até cem indivíduos, tinha o caráter de associação de resistência entre os escravos e homens livres pobres na cidade do Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX, alcançando, por volta de 1850 forma de organização e demarcação territorial bastante complexa e desenvolvida, definindo pontos de encontro e locais de reunião entre os componentes, destacando-se entre as inúmeras Maltas a dos *Guaiamus* e *Nagoas*.

urbana, ajudando ainda na constituição do personagem genuinamente brasileiro, o “mulato”, menos robusto e mais arisco do que o negro escravo africano, tipo nascido nas muitas misturas entre as raças que dominavam a cena urbana, imortalizado na literatura brasileira<sup>4</sup> e responsável pela difusão do perfil capoeira, transformado em agente repressor e transgressor da ordem dominante, mais precisamente, figura que incomodava pelo caráter e ânsia de liberdade e de contraposição que impunha aos interesses hegemônicos da época.

Os trabalhos de pesquisa de Mary Karasch (2000), realizados ainda nos fins dos anos de 1960, onde a autora volta o seu olhar para a escravidão urbana do século XIX, montando um panorama da vida social e cultural dos escravos na cidade do Rio de Janeiro, capital do Império no Brasil, apontam aspectos dicotômicos<sup>5</sup>, forjados de forma integrada e indissociável na composição deste instrumento de resistência escrava no Brasil, para isso, recorre aos relatos de viajantes europeus, como Rugendas, e define alguns desses contornos da capoeira enquanto uma prática cultural, notadamente, enquanto uma arma de luta dos negros escravos do Brasil.

Com a Proclamação da República, surge uma nova fase de perseguição à Capoeira com a criação do decreto nº 487 do código Penal Brasileiro, de 11 de outubro de 1890, que estabelecia, no Capítulo XIII, dos "Vadios e Capoeiras", penas de até seis meses de prisão ou deportação do país, no caso de se tratar de estrangeiros, para todos que fossem pegos praticando capoeira ou que pertencessem a algum bando ou Malta. Inicia-se um período de tentativas de extermínio da capoeira, com muitos de seus adeptos sendo exilados e participando de trabalhos forçados.

Esse quadro permaneceu até 1934, quando o então Presidente Getúlio Vargas extingue o Decreto nº 487 e libera a capoeira, bem como outras manifestações populares (notadamente as de origem negra), para sua prática livre, após assistir a uma apresentação de capoeira comandada por Manoel dos Reis Machado, afamado no meio capoeirístico como o Mestre Bimba, responsável pelo desenvolvimento do primeiro método pedagógico de ensino

---

<sup>4</sup> Podemos citar Machado de Assis (*Contos*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997), no conto *A Causa Secreta*, p. 53 e Aluísio de Azevedo (*O Cortiço*, 8. ed., São Paulo: Ática, 1979), que conta a história do romance entre o capoeira Firmo e Rita Baiana.

<sup>5</sup> Karasch (2000, p. 331), aponta claramente dois aspectos dicotômicos da capoeira: o aspecto lúdico, presente no jogo da capoeira, embalada pelo ritmo das palmas e dos cantos e pelo som dos tambores primitivos, e o aspecto de luta de resistência escrava, utilizada pelos negros escravos para proteção de si mesmo e de suas mercadorias, nos mercados, ruas e praias, através da aplicação de potentes golpes com a cabeça e com os pés. Para mais detalhes, ver Soares (2002, p. 55).

da capoeira, denominado de Capoeira “Regional Baiana”<sup>6</sup>, sendo considerado até os dias atuais o pai da capoeira moderna.

### **1.2.3 A Valorização da Capoeira: em busca da superação dos preconceitos e da identificação de seu valor educativo**

Em 1907, surge a primeira tentativa de instituição de uma ginástica brasileira: "O Guia da Capoeira ou Ginástica Brasileira", com autor oculto nas iniciais O D C, levando muitas pessoas de “famílias importantes” a praticar a capoeira, vendo nela um excelente exercício de destreza e defesa pessoal.

Em 1928, Anníbal Burlamaqui publica uma obra denominada “Gymnastica nacional (capoeiragem) methodisada e regrada”, numa proposta de sistematização da capoeira enquanto esporte nacional, considerando esta, uma verdadeira ginástica brasileira e propondo as regras e as respectivas formas de exercícios e treinamento, sem esquecer sua importância como instrumento de resistência e exaltando as diversas habilidades e qualidades que a prática deste esporte pode proporcionar à saúde das pessoas. (CAMPOS, 2001).

Na década de 60, mais precisamente, em 1961 a capoeira é introduzida como desporto, no currículo da Polícia Militar do Estado da Guanabara. Em 26 de dezembro de 1972, a capoeira é oficializada pela Confederação Brasileira de Pugilismo, através do departamento de capoeira, sendo, em seguida, homologada pelo Conselho Nacional de Desporto, entrando em vigor no dia 01 de janeiro de 1973.

No início dos anos 80 a capoeira tem sua inclusão no currículo de várias escolas de Educação Física do Brasil, levando o Ministério da Educação, pela Secretaria dos Desportos, do Ministério dos Esportes, a organizar o Programa Nacional de Capoeira, divulgado pelo Centro de Informação e Documentação sobre a capoeira, com pretensão de legitimar a capoeira nas antigas escolas de 1º e 2º graus, assim como, a sua inclusão nos Jogos Escolares Brasileiros, no ano de 1985, dando uma nova significação à prática da capoeira, possibilitando a criação de espaços para a sua propagação no campo educacional, difundindo e fortalecendo aspectos tais como a tradição cultural e histórica, a arte, a musicalidade, a forte presença do aspecto gestual do legado dessa cultura que, cada vez mais, afirmava-se como genuinamente brasileira.

---

<sup>6</sup> Primeiro método de ensino da capoeira, criado por Mestre Bimba, em 1928, centrado nos movimentos da Capoeira Angola e nos fundamentos da luta escrava denominada Batuque, e que se constituía numa seqüência lógica de movimentos de ataque, defesa e contra-ataque, podendo ser ministrada para os iniciantes de forma simplificada, permitindo e facilitando o aprendizado de forma motivada e segura. (CAMPOS, 1998).

Assim, foi ganhando espaço nas instituições educacionais, alavancada pela prática da Educação Física, notadamente, no entendimento de professores e estudiosos da capoeira que, pela proximidade e formação na Educação Física, percebem um espaço para conduzir a capoeira até as instituições educacionais formais de ensino.

Em Teresina, a capoeira tem uma trajetória parecida com a dos grandes centros, passando por um momento de grande conturbação, marcada por um preconceito forte e sem justificativa, explicado pela dinâmica das relações sociais do momento histórico (começo dos anos 70) em que se deu seu aparecimento, momento esse, marcado por profundas desigualdades e relações de imposições, perseguições e descaso contra as manifestações populares, notadamente as de origem negra, mas, devido ao trabalho sério e comprometido, de muitos professores e mestres, a capoeira, vem conseguindo espaço e respaldo por parte das mais diversas camadas sociais e de autoridades públicas e particulares.

#### **1.2.4 A Capoeira nos espaços educacionais formais: a construção de possibilidades.**

A partir de nossa experiência no campo educacional como aluna de Pedagogia e professora estagiária, tanto em nossa fundamentação teórica, em escolas e outros espaços educativos, como por exemplo, a participação em encontros e seminários, sem esquecer nossa experiência como pesquisadora, podemos afirmar, a partir do entendimento de que a educação é um processo histórico, intencional e contínuo que acompanha as pessoas por toda sua existência, que a capoeira pode contribuir de forma integral na educação de crianças e jovens na escola.

Isso se dá devido seu aspecto lúdico, presente na expressão de uma diversidade de movimentos (saltos, golpes, movimentos acrobáticos), acompanhados e conduzidos pela música, os cantos e o som dos seus instrumentos característicos (berimbau, pandeiro, atabaque), assim como, embalada pelas histórias e contos transmitidos e perpetuados oralmente de geração a geração, trazendo em seu bojo, aspectos relevantes da história do povo, da história brasileira contada pela ótica das pessoas oprimidas, das pessoas que não tiveram, e ainda não têm, a oportunidade de falar de sua própria existência, de contar sua história, de suas lutas e de seus anseios mais relevantes, aspectos estes, que se encontram aquém da história que é contada oficialmente nos currículos escolares.

Segundo Silva (2010) no Piauí são muitos os exemplos de trabalho com capoeira junto aos espaços educacionais, tanto municipais e estaduais, quanto em escolas particulares. Desde

o final da década de 70 e início dos anos 80, a capoeira vem sendo ensinada e praticada em escolas, colégios e núcleos de apoio a crianças e jovens estudantes.

Inicialmente a capoeira era praticada e ensinada, ainda de forma gratuita, para quem tivesse interesse em praticá-la, e o espaço para os treinos era concedido mediante autorização assinada pela diretora da escola, para utilização do espaço da escola nos dias de sábado, domingo e feriados.

A partir da segunda metade dos anos 90, podemos identificar uma acentuada implantação da capoeira como atividade curricular explicitamente aceita nas escolas, inclusive com a contratação de professores para o ensino da capoeira, em dias e espaços eleitos pela escola, durante o período normal de desenvolvimento das atividades escolares e não mais apenas nos finais de semana e feriados.

Atualmente a importância pedagógica da capoeira é bastante evidente pelos espaços que vem conquistando no ensino superior, sendo, na atualidade, disciplina curricular de prática desportiva do curso de Educação Física da Universidade Federal do Piauí, em Faculdades tais como CEUT e Santo Agostinho, além da existência de um projeto de Extensão Universitária na UESPI, que atende pessoas da comunidade universitária e pessoas do entorno social próximo.

Outro exemplo bastante significativo no contexto de nossa pesquisa, pois envolve a prática da capoeira numa escola pública estadual de Teresina, acontece no Colégio Anísio de Abreu, localizado na zona norte de Teresina.

A direção da escola, numa iniciativa bastante inovadora, levou a capoeira para dentro dos espaços da escola, com a oferta da capoeira para seus alunos e pessoas da comunidade, cedendo o pátio e a quadra da escola, nos dias de quinta-feira, sábado e domingo para o professor Wellington Leitão, o “Carapanã”, componente do grupo Raízes do Brasil, para ministrar aulas de capoeira e coordenar eventos culturais que envolvam os alunos da escola, inclusive com liberação das aulas de Educação Física para aqueles que estiverem matriculados nas aulas de capoeira.

Como a escola não pode contratar professores, foi materializado um contrato que firma o compromisso do professor Wellington em ministrar aulas a partir da cobrança de uma pequena taxa dos praticantes, ficando os alunos da escola isentos de 50% do total cobrado, algo em torno de cinco reais mensais, por aluno da escola, além do compromisso de



participação em todos os eventos culturais, sociais e educacionais promovidos pela escola, tais como, jogos escolares, feiras culturais, eleições para diretores, festas comemorativas, encerramento e início de período escolar, dentre outras.

### **1.2.5 Ampliando os espaços para reflexão**

Não pretendemos encontrar fórmulas que dêem conta do real e apresentem soluções definitivas para as questões que envolvam educação, escola e cultura. Nosso objetivo é promover discussões, despertar o espírito contestador de todos aqueles que não aceitam viver na “conformação” e desafiá-los a refletir, imaginar e criar formas de promover, nos espaços escolares, uma política cultural, centrada no respeito à diversidade humana e no entendimento do caráter pluricultural de nossa sociedade.

Desta maneira, podemos destacar, embora, como momento inicial, aspectos que apontam para o encontro da capoeira com a educação, tendo sempre o cuidado de demarcar o terreno em que pretendemos desenvolver nossas reflexões, terreno este, que aponta para o campo de conhecimento do currículo, tomando as teorizações e investigações na área dos Estudos Culturais, concebido como espaço de construção de contestações, notadamente por envolver a questão da cultura, numa tentativa que segue a linha de raciocínio de Silva (2002) que aponta, como uma das vantagens de se pensar o currículo a partir desta concepção, uma certa equiparação entre as diversas formas de conhecimento, evitando uma “[...] separação rígida entre o conhecimento tradicionalmente considerado como escolar e o conhecimento cotidiano das pessoas envolvidas no currículo.” (SILVA, 2002, p.136).

Neste sentido, concebendo todo conhecimento como objeto cultural e o currículo escolar como um artefato humano construído historicamente, podemos situar a importância da capoeira enquanto prática cultural de valor pedagógico essencial, que pode trazer muitas contribuições para uma maior conscientização de representantes de grupos menos favorecidos econômica, cultural, social e politicamente, presentes na escola, representantes das denominadas “minorias”, de reivindicar espaços próprios, de terem o direito de representação, ou seja, o direito falar de si e dos “outros” e que Costa (2001) aponta como “[...] direito dos grupos e dos indivíduos de descreverem a si próprios, de falarem do lugar que ocupam, de

contarem sua versão da história de si mesmos, de inventarem as narrativas que os definem como participantes da história.” (COSTA, 2001, p. 50).

Podemos destacar, assim, alguns aspectos relevantes identificados nas experiências que vivenciamos na realização deste trabalho:

- mesmo surgindo como atividade de contraposição, perseguida e carregando a representação de prática “marginal”, a capoeira sempre esteve presente nos espaços políticos, literários, escolares e acadêmicos no Brasil;
- a capoeira foi implantada e aceita, como prática pedagógico-cultural, nas escolas, faculdades e universidade, tanto por iniciativa dos capoeiristas, como por iniciativa das próprias instituições;
- o valor educativo e cultural da capoeira e seu caráter pluricultural auxiliam na superação de preconceitos e resistências que sempre sofreu devido a sua herança cultural;
- a capoeira tende a ser reconhecida pelo poder público, amparada por meio de legislação que garanta sua legitimidade, como cultura nacional e ganhar status de profissão.

Podemos encerrar esta seção deixando as experiências aqui destacadas, como pontos para a reflexão de todos aqueles que se interessem pelas teorias dos Estudos Culturais e que servem para demonstrar o papel da capoeira como referência pedagógica e sócio-cultural, bem como, a contribuição histórica e política que pode proporcionar nas escolas, faculdades e universidades brasileiras, principalmente, por se constituir numa prática cultural de significativa representatividade na sociedade brasileira.

## CAPÍTULO II

### **2.1 O Caminho metodológico da pesquisa.**

Neste espaço abordaremos o caminho metodológico de nossa pesquisa, descrevendo a natureza e o tipo da pesquisa, o universo/campo, os sujeitos envolvidos, os instrumentos de coleta dos dados e forma de tratamento dispensado aos dados. Na realidade procuramos argumentar nossas escolhas metodológicas, nossa opção pelo objeto escolhido, sua relevância, assim como o percurso da pesquisa, os aspectos determinantes e as descobertas que nos foram proporcionadas no contato com as pessoas e os processos que cercaram nosso caminhar.

### **2.2 O Centro Social Marista: descrevendo o universo e conhecendo os sujeitos envolvidos.**

De acordo com informações colhidas com coordenadores e gestores o Centro Social Marista é uma instituição filantrópica centrada nos ensinamentos do catolicismo. O centro existe em 79 países, sendo sua matriz na França. Funciona como escola, centro social e faculdade. Em Teresina está situado na avenida principal, nº 1647, do bairro Parque Wall Ferraz, atendendo como centro de apoio às escolas do bairro. Atualmente, são atendidas treze escolas, sendo que a maior parte dos alunos é das escolas José Gomes Campos e Mundinho Ferraz.

A coordenadora do centro destaca que o mesmo foi inaugurado em 01 de abril de 2007 com a proposta de oferecer oficinas culturais de dança, teatro, música, arte, recreação, esporte e formação humana, atualmente seguindo o trabalho com oficinas de apoio pedagógico que funcionam como reforço. Dentre estas, destacou as oficinas de Português, Matemática, Informática e Educação Física. As oficinas funcionam no turno contrário ao que os alunos da escola estudam. São oferecidos cursos aos pais dos alunos, como biscuit, doces, salgados, inclusão digital dentre outros. O centro também oferece o lanche e o jantar para os alunos.

Em nosso trabalho de campo obtemos, também, informações a respeito do rendimento dos alunos junto à Coordenação do centro, momentos em que a Coordenadora Pedagógica

afirmou que observa uma acentuada melhora no rendimento e no comportamento dos alunos, notadamente quando estes relatam que se sentem valorizados e motivados e essa motivação também mobiliza os pais.

Numa análise breve nos registros institucionais identificamos que o Centro Social Marista funciona nos turnos manhã e tarde, tem em seu corpo de funcionários 33 Educadores Sociais, 14 estagiários e a equipe gestora composta por um Diretor, uma Psicóloga, uma Assistente Social e uma Assessora Pedagógica. Tem como mantenedora a UNBEC (União Brasileira de Educação e Cultura), que é responsável pelas despesas de pessoal e da estrutura física: pagamento de água, luz, telefone e manutenção em geral. Para custear o restante das despesas, mantém parceria com a Prefeitura Municipal de Teresina, que cede os estagiários através da SEMEC e disponibiliza os custos com a alimentação, o material escolar e de limpeza. O governo do Estado do Piauí também contribui com alimentação e material de manutenção em geral.

Nas observações pudemos perceber que o centro possui um espaço físico composto por sala dos educadores, ginásio, sala de informática, campo de futebol e área livre. Atualmente atende a 100 alunos com previsão para aumentar este número. A seleção dos alunos é feita através de visitas domiciliares para verificar a situação social das famílias, pois a entidade visa atender aos alunos menos favorecidos economicamente. Tais visitas ocorrem no início e no final do ano para a efetivação do processo de avaliação.

Dentre as oficinas trabalhadas e sendo objeto direto de nossa pesquisa, a oficina de capoeira é destacada pela equipe gestora e pelo professor de capoeira, Ricardo Henrique Costa e Silva (conhecido na capoeira como Pimenta), por proporcionar um bom aproveitamento no rendimento escolar dos alunos. Segundo ele os alunos aprendem a ter mais disciplina, respeito e compromisso com suas obrigações escolares. A oficina desenvolve-se em dois momentos: a parte teórica, que acontece na sala de informática e a parte prática no ginásio. A capoeira, nesse sentido, institucionaliza-se, por meio de projeto, que traz como objetivo central o atendimento a crianças e jovens menos favorecidos econômica e culturalmente, alunos com problemas de aprendizagem e que se enquadram nos índices de evasão escolar.

Outro dado importante coletado foi que a oficina com maior participação é a de capoeira, que já conquistou uma maior aceitação dos pais. O professor Ricardo Henrique, como Educador Social afirma ser a capoeira uma atividade privilegiada ao proporcionar em

um mesmo espaço de práticas dinâmicas que influenciam diretamente no senso de respeito e disciplina dos alunos. Ricardo destaca que no centro é proporcionado um acompanhamento dos alunos junto às escolas atendidas pela instituição.

### **2.3 Os Sujeitos da Pesquisa**

Desenvolvemos a pesquisa com os alunos e com o professor das oficinas de capoeira, sendo que alguns membros da equipe gestora do Centro Social Marista foram ouvidos em conversas informais como forma de obtenção de informações detalhadas a respeito da cultura institucional do centro. A turma pesquisada era constituída por cerca de 30 alunos, mas no decorrer da pesquisa não estava freqüentando em totalidade.

Do universo de 30 alunos foram pesquisados 16 alunos, através de entrevistas com o uso do gravador. Dos alunos entrevistados, 06 são do sexo feminino, enquanto 10 são do sexo masculino. Os alunos estão compreendidos na faixa etária de 11 a 15 anos, cursando do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental de unidades escolares integrantes da rede municipal de ensino atendidas pelo Centro Social Marista.

Nossa opção pelo Centro Social Marista surgiu do contato realizado, quando da pesquisa do PIBIC-UESPI, que tinha como objetivo investigar as relações estabelecidas entre os conteúdos pedagógicos da escola e os conteúdos culturais trabalhados na capoeira, praticada em escolas públicas e privadas de Teresina-PI, no sentido de se identificar as reais contribuições dessa prática para que os (as) alunos (as) consigam se posicionar de forma mais crítica diante dos conhecimentos que adquirem, apropriando-se desses conhecimentos e informações de forma mais autônoma.

Com esse intuito, percebemos a relevância e a contribuição dessa pesquisa para a ampliação da compreensão dos diálogos entre as diferentes culturas existentes em nossa sociedade. Dessa forma, escolhemos o Centro Social Marista que trabalha com oficinas culturais, atendendo aos alunos de escolas públicas do bairro, proporcionando o resgate da cultura, da auto-estima e de valores humanos.

O primeiro contato com o objeto da pesquisa aconteceu através do Professor Robson Carlos da Silva com o educador social Ricardo Henrique que ministra aula na oficina de

capoeira do Centro Social para alunos oriundos das escolas do bairro, assim como para os jovens da comunidade em geral.

## **2.4 Instrumentos de coleta de dados**

Esta pesquisa adota a epistemologia qualitativa do tipo etnográfica, caracterizada por nossa inserção diretamente no campo, no confronto direto com os processos, com as ações do sujeito, percebendo e atuando como integrante da instituição e do grupo pesquisado. As entrevistas foram realizadas com o uso do gravador e orientadas por um roteiro de questões abertas.

Optamos por trabalhar com a entrevista com questões abertas pois, segundo Biasoli-Alves citado por Rosa e Arnoldi (1998), na entrevista, existem caminhos que se definem por depender da relação entre uma pessoa que pergunta e que é detentora da informação, respondendo à primeira, mas através do estabelecimento de uma empatia. Têm-se, por meio da Entrevista (relato oral), informações sobre atitudes, sentimentos e valores subjacentes ao comportamento, o que significa que se pode ir além das descrições das ações, incorporando novas fontes para a interpretação dos resultados pelos próprios entrevistados.

Dessa forma, entendemos que é a forma mais adequada para melhor compreensão das questões que orientaram o estudo. De acordo com González Rey (2005), na pesquisa qualitativa, fundamentada em uma epistemologia qualitativa, os instrumentos deixam de ser vistos como um fim em si mesmo (instrumentalismo positivista) para se tornar uma ferramenta interativa entre o investigador e o sujeito investigado. Em outros termos, o instrumento deixa de ser considerado a via de estudo das respostas do sujeito, para englobar os procedimentos usados pelo pesquisador para estimular a expressão e a construção de reflexões pelo sujeito que estão além das possibilidades definidas a priori pelos instrumentos.

Em nossa coleta de dados aplicamos entrevistas com questões abertas, efetivando as respectivas anotações e transcrições em diário de campo para posterior análise, que apresentaremos a seguir.

## CAPÍTULO III

### **3.1 As Análises da Pesquisa**

Na pesquisa procuramos nos deter sobre as contribuições da capoeira, enquanto prática cultural educacional não-formal, na formação crítica de crianças e jovens em espaços educacionais públicos, a partir das compreensões das pessoas envolvidas diretamente na prática dessa arte: professor de capoeira, alunos (as) e gestores.

Neste sentido, efetivamos várias incursões aos locais e horários de prática da capoeira, tomando como campo de estudo o Centro Social Marista, observando atentamente as práticas e os processos de ensino da capoeira, registrando os aspectos importantes para a pesquisa e conhecendo a cultura do referido centro, sua organização, processos administrativos e documentos oficiais.

Consideramos como fundamental o posicionamento dos (as) alunos (as), do professor de capoeira e da coordenação, por entendermos que é nos embates diários e cotidianos, envolvendo as pessoas comuns em suas relações próximas que se encontram muitas possibilidades de se conhecer as reais condições em que se desenvolvem os processos relacionais, para além do que afirmam os documentos, projetos, estatutos, regimentos e outros, compreendendo, assim, os significados, a natureza, as intenções, os valores, os ideais, os objetivos e os resultados efetivos das práticas que ocupam os espaços educacionais e influenciam as pessoas, sejam eles oficiais ou não-oficiais.

Inicialmente descreveremos o contexto das aulas de capoeira, a partir de nossos observações e registros.

### **3.2 Do pé do berimbau à sala de aula: histórias, músicas, movimentos e nova compreensão da realidade**

A partir da organização de um roteiro, iniciamos o processo sistemático de observação de campo, enquanto momento de coleta das informações a respeito de como as atividades das aulas de capoeira eram realizadas no Centro Social Marista.

As aulas de capoeira são realizadas com o emprego de atividades que possibilitam uma maior aproximação entre a teoria e prática da capoeira, sendo desenvolvidas por meio de

aulas expositivas dialogada, individual e em grupo, envolvendo atividades práticas e dinâmicas de grupo.

São aulas elaboradas a partir de um plano de curso feito pelo professor e acontecem em dois momentos; no primeiro, denominado de teórico, o professor aborda aspectos da história da capoeira, destacando suas origens, as lutas contra o regime de escravidão existente contra os negros, além dos fatos atuais com destaque para a capoeira na escola; comenta sobre as distinções entre os diversos estilos da capoeira, em especial sobre as diferenças entre o jogo de angola e a regional.

Neste momento teórico são reservados espaços para a realização de aulas sobre a musicalidade da capoeira, enfatizando os ritmos, as cantigas (ladinhas e corridos), as letras das músicas e os conteúdos que são abordados, trabalhando com os alunos a importância das letras enquanto veículos de conscientização, motivação, resgate histórico, dentre outros aspectos.

Percebemos a força que a musicalidade ocupa no universo da capoeira. Por meio das músicas pudemos observar o aspecto da criticidade em relação a variados aspectos da realidade, como por exemplo, uma perspectiva diferente da história do Brasil, centrada no olhar e nas experiências do povo, do oprimido, das pessoas sem voz e sem identidade no contexto da história oficialmente contada nos manuais e documentos oficiais, marcada profundamente pelos ideais e valores do dominante, do que assume o poder e molda a história conforme seus interesses.

Identificamos, também, uma análise diferente da realidade social e política, a partir das lutas diárias das pessoas comuns, suas dificuldades, a história da cultura do povo, dentre muitos aspectos retratados nas letras, notadamente a partir da história de vida dos mestres antigos, seus feitos, suas lutas, as resistências e a reconstrução da própria história da capoeira na atualidade.

Entendemos que os pontos destacados acima dizem respeito diretamente à cultura dos alunos do Centro Social Marista, de suas histórias e da realidade em que vivem; o que, acreditamos, contribui de forma significativa para que desenvolvam um entendimento crítico sobre essa realidade próxima, que enxerguem sua cultura de forma mais clara, entendendo pontos antes obscuros e que se desvendam à sua compreensão e as possibilidades de melhor se identificarem com sua cultura.

No segundo momento, ao qual denominamos de parte prática, as aulas iniciavam com uma conversa inicial feita pelo professor a respeito dos movimentos básicos da arte;



nestes momentos são explicados como os alunos devem se comportar para assimilar melhor o jogo da capoeira.

Depois do aquecimento da turma o professor ensinava os passos da capoeira, sempre esclarecendo como devem ser executados os movimentos e ensinando a fazê-los de forma correta. Estava sempre preocupado com aqueles que tinham mais dificuldades, sempre demonstrando como deviam realizar os movimentos básicos. Os alunos por sua vez demonstravam interesse em aprender e se aperfeiçoar no gingado e nos golpes.

Após o treino propriamente dito era realizada a roda de capoeira que se dava com a participação de todos. Nesse momento o professor chamava aqueles alunos que precisavam melhorar o ritmo, a ginga e os golpes.

De acordo com Silva (2010) a roda de capoeira é um espaço de síntese, do encontro e da interface de valores fundamentais, tais como a socialização entre pessoas de culturas e classes sociais diversas; o respeito à hierarquia enquanto um valor e não uma imposição de poder; a solidariedade por meio do entendimento de que cuidar do outro e do ambiente é condição essencial para a sobrevivência do jogo da capoeira; dentre outros. O autor procura nos chamar a atenção para o entendimento de que a roda se constitui em muito mais do que um espaço de culminância, mas em uma possibilidade real, concreta e objetiva de se preservar e manter viva a capoeira com todo o ritual que marca essa tradição cultural brasileira.

No Centro Marista percebemos a preocupação com as questões destacadas por Silva (2010), na própria fala do professor, na forma de condução do ritual de abertura, desenvolvimento e encerramento da roda; fica claro para quem assiste às aulas que o momento da roda se constitui realmente numa síntese dos objetivos formadores e dos saberes planejados para serem atingidos pelos alunos.

Nas falas dos alunos entrevistados fica evidente que o professor exerce papel relevante no que se refere à disciplina, fazendo com que estes mantenham uma relação de respeito mútuo. Segundo o professor, a relação de hierarquia existente na capoeira é fator primordial para ajudar na formação da disciplina nos alunos.

A maioria dos alunos menciona a capoeira como sendo responsável pelo bom desempenho nas atividades escolares, pois para a permanência na oficina de capoeira é necessário que eles apresentem boas notas na escola. A oficina destaca-se também pela metodologia utilizada pelo professor que desenvolve suas aulas de forma dinâmica, com brincadeiras, fazendo com que seja um momento de aprendizagem e diversão. Nesse sentido, a capoeira motiva o aprendizado de uma forma mais prazerosa.

Em relação à comparação entre as aulas de capoeira e as aulas das demais disciplinas, os alunos demonstram que prestam mais atenção, respeitam mais o professor da capoeira do que o professores dessas disciplinas escolares, notadamente por se tratar de uma prática que “*mexe com a gente [...] que fazemos porque gostamos e não forçado a aprender.*” (Aluno entrevistado). Assim sendo, foi importante conhecermos um pouco a respeito do professor responsável pelas aulas de capoeira no Centro Marista.

### **3.3 Informações sobre o professor de capoeira**

As informações obtidas, por meio de conversas informais e outras mais formais, são fruto de entrevistas gravadas com o professor Ricardo Henrique conhecido como “Pimenta” no mundo da capoeira, abordam sua proposta e atuação como professor de capoeira no Centro Social Marista.

Ricardo Henrique é brasileiro, solteiro, pai de uma filha, reside no bairro Parque Wall Ferraz em Teresina-Pi. Possui segundo grau completo, antes sua profissão era de representante comercial. Atua como educador social na oficina de capoeira, no centro social Marista, localizado no mesmo bairro onde mora, tendo 16 anos na prática da capoeira.

Iniciou a prática da capoeira com 11 anos de idade, observando seu primo praticar, sempre tendo vontade de praticar, mas sem condições de pagar a mensalidade que era cobrada para freqüentar as aulas. Mas, como seu interesse era grande, logo conseguiu iniciar a prática da capoeira.

Iniciou seu trabalho no centro através das aulas de capoeira que ministrava no local, sendo cedido pela direção para a realização das aulas para a comunidade. Foi através do trabalho realizado com a comunidade, que foi convidado a trabalhar primeiro como estagiário por um período de um ano; em seguida foi contratado como educador social no centro. Desde então, desenvolve seu trabalho com bastante interesse e dedicação por sua tarefa, uma vez que gosta do que faz, demonstrando prazer e satisfação pelo trabalho realizado.

*Sempre digo que capoeira é minha vida e gosto muito do que faço. Estou no lugar certo, ensinando o que gosto. Então nem tenho muitas dificuldades, pois o que gosto de fazer é capoeira, nunca falto e me organizo bem. Já fizemos várias atividades envolvendo pessoas de fora, de nosso grupo, de outros grupos, até de fora do país.”*  
(Pimenta, professor de capoeira).

Com relação ao planejamento de suas aulas, segue um plano de curso bimestral que é exigência do centro. Aprendeu a fazer planejamento, pois achava importante chegar com tudo organizado e previamente elaborado, por acreditar que a aula se desenvolvia com mais valor e significado.

*Acho importante o estudo. Temos que nos preparar bem, seguir o exemplo de nossos mestres que tem muitos saberes e nos ensinam. Todos eles estudaram, se formaram na universidade e hoje ajudam a levar longe o nome da capoeira. Isso fez com que eu estudasse e procurasse e fazer as coisas com mais organização. O resultado é bom, pois você tem maior controle do que faz. (Pimenta, professor de capoeira).*

O professor afirma que a prática da capoeira proporciona a disciplina e o respeito entre os alunos, assim como ajuda na disciplina e melhora o rendimento da aprendizagem escolar. Relata também que os pais assistem às aulas e se envolvem no acompanhamento dos alunos. O professor também orienta o comportamento dos alunos na escola, em casa, com os colegas.

*Nosso trabalho consiste em passar para os alunos informações importantes a respeito da origem e da evolução da capoeira, destacando aí muitas coisas importantes para a vida educacional deles. Na música a gente procura colocar o que tem dizendo de importante, como a história da escravidão e de como os negros se revoltaram, criaram sua resistência e eles mesmos fizeram sua libertação, ou seja, é uma forma diferente de contar a história do Brasil, que diz que os negros foram libertados pela princesa Isabel e traz como heróis os portugueses brancos exploradores. Aí fica claro pra eles que heróis são os negros, foi Zumbi, Mestre Bimba e outros, inclusive muitas mulheres, que é outra coisa boa, pois destaca outro papel para a mulher e não ser submissa, como muitas crianças e jovens chegam aqui acreditando, como aprendem em casa. Isso ajuda eles a pensarem melhor sobre tudo em sua vida e estimula eles a estudarem mais e tratar melhor as outras pessoas. (Pimenta, professor de capoeira).*

Logo, percebemos que a prática da capoeira proporciona diversos benefícios, desde o comportamento na sala de aula até a convivência na sociedade. Os alunos são motivados com relação à sua conduta moral, fazendo com que reflitam sobre a realidade que os cerca, desenvolvendo assim o senso crítico tornando-os seres capazes de transformar o meio em que vivem.

### 3.4 Análise das falas dos alunos

Esta análise se desenvolve através da fala dos alunos, relacionadas de acordo com os dados colhidos pela aplicação das entrevistas. A partir daí interpretamos os dados adquiridos, tendo como base o problema de pesquisa e o discurso dos sujeitos. Por fim, realizou-se o confronto dos dados com o referencial teórico que contempla este trabalho.

As entrevistas foram desenvolvidas centradas em quatro perguntas que foram feitas aos alunos e depois analisadas conforme os dados colhidos e melhor detalhadas para alcançar respostas condizentes ao problema levantado na pesquisa.

A primeira questão apresentada aos alunos foi sobre o que os atraiu para a aula de capoeira. Alguns relataram que achavam os golpes rápidos e bonitos, outros destacaram o fascínio que tinham pela roda e outros achavam a capoeira como um todo completa e muito bela.

*Gostava muito dos golpes, pela rapidez, por ser veloz e muito bonito, quase pegando no outro, mas só passava raspando (aluno a)*  
*A roda de capoeira é boa e dá vontade de entrar. (aluno b)*  
*Sempre gostei da capoeira, tudo é bom... (aluna c)*

Em seguida, questionou-se sobre a diferença entre as aulas da oficina e as aulas da escola formal. Para a maioria dos alunos entrevistados o professor da escola formal é grosseiro, bruto e ignorante, vai logo brigando, só está preocupado em passar o conteúdo, não há uma relação de interação de afetividade. Já o professor da capoeira trata-os de forma diferente. É atencioso, preocupado com o desempenho e a disciplina de cada um e faz isso de uma forma interativa.

*O Pimenta interage (aluno d)*  
*Na sala a gente não pode fazer as coisas que faz na capoeira, na sala também é bom, mas não podemos brincar, jogar, cantar... (aluno e)*  
*O Pimenta gosta da gente, ensina como fazer a cada um da gente, todo mundo sem separar... (aluno f)*  
*Na sala a gente não pode dar os golpes, tem que ficar quieto, mas é bom também pois a gente aprende as matérias. (aluno b)*  
*É diferente, pois na capoeira tem música e não para...na sala é muito parado e as conversas nem deixa a gente aprender. Na capoeira você fica mais solto... (aluno c)*

A terceira questão se refere à contribuição da capoeira no rendimento escolar. Os alunos afirmam que a aula da capoeira contribui sim para seu rendimento escolar, pois a sua

permanência na capoeira depende do seu bom desempenho na escola. Nesse sentido a capoeira motiva e faz com que o aprendizado aconteça de forma prazerosa. Alguns alunos afirmam que:

*O professor é duro quando tem que ser, mas também é companheiro e amigo. (aluno g).*

*A gente aprende muita coisa que nem falam na escola, como os negros fizeram a capoeira, é diferente de como aparece nos livros, é mais fácil de controlar os alunos que não querem nada e a professora não bota moral na sala...se brincar é chamado pelo Pimenta. (aluno a)*

*Se a gente não aprender sai da capoeira, por isso a gente se esforça, senão sai da capoeira, até gosto de aprender mais, a capoeira ensina a gente.... (aluno c)*

Finalmente questionamos sobre a diferença da linguagem utilizada pelo professor da capoeira para a linguagem do professor da escola formal. De um modo geral, os alunos relatam que a principal diferença está na metodologia adotada pelo professor, no modo como se relaciona com os eles.

*Na capoeira o professor ensina o aluno a jogar, a ser disciplinado e a seguir o seu exemplo. (aluno h)*

*A gente se sente valorizados e respeitados. (aluno i)*

*O professor não liga, mas na capoeira liga sim, ele fica amigo da gente, conversa, briga, se preocupa, é amigo". (aluno i)*

Esse envolvimento do professor nas aulas faz com que também os pais assistam às aulas e se envolvam no acompanhamento dos filhos. Há relatos de que alunos saíram das drogas através da capoeira.

Segundo Silva (2010), a Capoeira além de contribuir para o desenvolvimento físico de crianças e jovens na escola, pode favorecer a construção de valores éticos, culturais e sociais, notadamente aqueles mais ligados às nossas raízes históricas e que são indispensáveis para uma formação identitária; ou seja, para o fortalecimento da identidade de brasileiro, descendente das mais variadas e diversas culturas e raças, compondo uma realidade ricamente plural e permeada de valores divergentes e contraditórios, constituindo, assim, uma realidade centrada na diversidade e na pluralidade cultural, social, política e histórica.

Dessa forma, fica evidente nas análises que os alunos entrevistados se sentem bem na capoeira, não por se tratar de uma prática que dê conta de toda a verdade, mas pela forma como o ensino da capoeira envolve os alunos, sua dinamicidade, a musicalidade, a atenção

dispensada, a amizade com o professor e entre si, além de possibilitar um novo olhar sobre sua cultura, sua história e a própria história de nosso país o que pode contribuir no desenvolvimento do sentimento forte de identidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A origem deste trabalho se deu por conta de um projeto de iniciação científica, do qual participei como bolsista. O projeto versava sobre as relações estabelecidas entre os conteúdos culturais da capoeira e os conteúdos pedagógicos da escola, a partir do entendimento das escolas oficiais. Desde então, percebemos a grande relevância de se trabalhar com essa temática, pois foi durante as pesquisas que amadurecemos a ideia de nos aprofundarmos neste propósito.

Iniciamos o trabalho enfocando sobre a relação entre a educação formal e a educação não-formal, destacando a fala de alguns autores que se abordavam o tema. O que nos possibilitou a percepção de que, atualmente, o termo educação não-formal vem sendo utilizado para designar os processos de ensino e aprendizagem que se realizam à margem do sistema educativo. Portanto, a educação que se realiza dentro da escola e a que se realiza fora dela relacionam-se entre si.

Através desta temática procuramos nos deter no estudo dos processos culturais, principalmente os que envolvem a educação das massas populares. Destacamos ainda, que sendo a escola um espaço social de vivência e formação sistematizada do conhecimento deveria proporcionar os mais variados tipos de aprendizagens.

Para que isso aconteça é necessário que haja um diálogo entre as práticas culturais populares e as práticas pedagógicas escolares. Nesse sentido, a escola não deve negar a centralidade do debate a respeito da diferença cultural, pois, se assim o fizer, funcionará mais como instrumento de exclusão do que de socialização.

O nosso trabalho abordou a capoeira como elemento agregador de valores significativos que, por se tratar de uma cultura de resistência, com sua história, com sua linguagem própria, é sem dúvida um instrumento precioso para conscientização de mudanças sociais. Possui inegável valor educativo, se constituindo em prática educacional e recurso de grande valia na construção e fortalecimento da identidade cultural, social e política, dos alunos nas escolas.

Nossa pesquisa revela que os alunos do Centro Social Marista, crianças e jovens estudantes de escolas públicas de Teresina, se identificam de forma positiva com a capoeira,

deixando evidente que carregam de sua cultura particular elementos sólidos que criam um código de identidade muito próximo com as culturas do povo, o que facilita sobremaneira seu aprendizado dos fundamentos dessa cultura e contribui para a transferência desses aprendizados para outras disciplinas e conteúdos diversos, o que pode contribuir em sua formação integral.

Outro achado importante diz respeito às comparações que os alunos fazem entre o ensino da capoeira e o ensino em sala de aula, das disciplinas curriculares. Há um conflito interessante, pois os alunos demonstram entender a importância que tem o aprendizado dos conteúdos curriculares, sua formação escolar e formal, o papel que esta desempenha para que tenham oportunidades de ascensão social.

Porém entendem também que a forma de ensino, a metodologia empregada pelos professores ainda é muito retrógrada, sem dinamicidade, engessando a vontade de participação, o envolvimento, o movimento dos alunos, o que contribui para um certo desinteresse. Por outro lado a prática da capoeira é dinâmica, permite o movimento, proporciona a integração, a expressão gestual livre, o canto, a música, dentre outros aspectos que despertam o interesse, prendem a atenção e fazem com que os alunos aprendam de forma significativa.

Dois elementos presentes nestas análises e que podemos destacar como resultados da pesquisa é a forma de relacionamento do professor com os alunos, apontada como fator positivo e emocionalmente favorável ao desenvolvimento destes, assim como a linguagem utilizada pelo professor, muito próxima da linguagem dos alunos, o que os aproxima, torna o diálogo mais fácil e deixa os alunos mais à vontade para se expressarem e serem entendidos em seus anseios e preocupações.

Finalmente, podemos concluir afirmando que o principal achado de nossa pesquisa foi de que os códigos de valores presentes nos processos educativos envolvendo a cultura popular se diferenciam substancialmente daqueles privilegiados num processo formal de educação, mas são de fundamental importância para garantir a sobrevivência desses sujeitos numa realidade e num contexto ainda muito distante da escola formal. O aprendizado sócio-cultural proporcionado pela capoeira, produto da vivência comunitária de crianças e jovens, ainda está muito longe de ser reconhecido pela educação formal, o que causa para esses sujeitos, um estranhamento e certa rejeição, em relação aos processos de aprendizagem desenvolvidos nessas instâncias.



Podemos concluir entendendo que a capoeira como processo educativo, apresenta-se como elemento importantíssimo para a formação integral do aluno, desenvolvendo o físico, o caráter, a personalidade e influenciando nas mudanças de comportamento, proporcionando o autoconhecimento e o afloramento da análise crítica sobre suas potencialidades e limites.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Marcelo (org); Lima Augusto. [ et al ]. **A diferença que desafia a escola: a prática pedagógica e a perspectiva intercultural**. Rio de Janeiro: Quartet, 2009.
- BARBIERI, Cezar. **Um jeito brasileiro de aprender a ser**. Brasília: DEFER/CIDOCA/DF, 1993.
- CAMPOS, Hélio. **Capoeira na Universidade: uma trajetória de resistência**. Salvador: EDUFBA, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Capoeira na Escola**. Salvador: Presscolar, 1990.
- CARNEIRO, Edison. **Capoeira**. São Paulo-SP: FUNARTE. 1997
- CASCUDO, Luiz Câmara. **Dinâmica do folclore**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1967.
- CENDALES, Lola. MARIÑO, Germán. **Educação não-formal e educação popular**. Tradução: Thiago Gambi. São Paulo: edições Loyola, 2006.
- CORTÊS, Gustavo Pereira. **Dança Brasil: festas e danças populares**. Belo Horizonte: Leitura, 2000.
- COSTA, Marisa Vorraber. Currículo e política cultural. In: \_\_\_\_ (Org.). **O currículo nos limiars do contemporâneo**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- FERREIRA, Augusto Mário. História da capoeira III. **Jornal da Capoeira, esporte, folclore e cultura**, ano I, n. 3, p. 2, set. 1978.
- FALCÃO, José Luiz Cirqueira. Capoeira. IN: KUNZ, Eleonor (org.). **Didática da Educação Física**. 4. ed. Ijuí: Unijuí, 2006, p. 56-94. (Col. Educação Física).
- \_\_\_\_\_. Capoeira e/na educação física. **Sprint magazine**. Rio de Janeiro, ano. 14, n. 79, p. 10-14, 1995.
- \_\_\_\_\_. **A Escolarização da Capoeira**. Brasília-DF: ASEFE – Royal Court, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.
- GONZÁLEZ REY, F. **Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios**. São Paulo: Thomson Pioneira, 2005.
- KARASCH, Mary C. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro: 1808-1850**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- SANTANA, Mestre. **Iniciação à Capoeira**. 2 ed. São Paulo: Ground, 1985.

SANTOS, Luiz Silva. **A capoeira como opção de educação física infantil no ensino de 1º grau**. 1987. 177p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre-RS.

SILVA, Robson Carlos da. **Capoeira: O preconceito ainda existe?** Teresina: 2008

\_\_\_\_\_. Roda de rua: notas etnográficas a respeito do jogo da capoeira como fenômeno sociocultural urbano. IN: BONFIM, Maria do Carmo Alves (org.). **Educação e diversidade cultural**. Fortaleza, Edições UFC, 2010. p. 282-296. (Coleção Diálogos Intempestivo, v. 87).

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A negregada instituição: os capoeiras no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1994.

\_\_\_\_\_. **A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro: 1808-1850**. 2. ed. Campinas-SP: UNICAMP, 2002.

VIEIRA, Luiz Renato. Capoeira: os primeiros momentos da sua história. **Revista Capoeira**, São Paulo, n. 1, ano I, p. 42-44, maio/jun. 1998.